UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNCIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE LICENCIATURA EM SOCIOLÓGIA

AUTORA: BENVINDA DOMINGOS CAMBANCO

PROFESSORA ORIENTADORA: DRª JOANA ELISA RÖWER

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DOCENTE: **NARRATIVAS DE SI E EXPERIÊNCIAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE REDENÇÃO/CE**

REDENÇÃO, CE

2018

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DOCENTE:

NARRATIVAS DE SI E EXPERIÊNCIAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE REDENÇÃO/CE

BENVINDA DOMINGOS CAMBANCO

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DOCENTE: **NARRATIVAS DE SI E EXPERIÊNCIAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE REDENÇÃO/CE**

BENVINDA DOMIGOS CAMBANCO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Sociologia, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB/CE), como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Sociologia.

Profª. Drª.Joana Elisa Röwer (Orientadora)

REDENÇÃO, CE
2018

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado á saúde e força para superar as dificuldades encontradas ao longo desta jornada.

Esta fase final do curso é muito especial para mim e não posso deixar de agradecer aos meus pais Sanca Domingos Cambanco e a minha mãe Maria Odete da Silva e os meus irmãos Gueri Gomes Lopes, Frederico Domingos Cambanco, Marciano Domingos Cambanco e Leocadia Domingos Cambanco por todo apoio que me deram durante toda essa caminhada. E gradeço também ao meu noivo Jailson Tugna Imbana Branco, o meu parceiro de toda hora, que sempre me ajudou nos momentos difíceis, a pessoa que me dá coragem sempre de enfrentar dificuldades até chegar a essa meta.

A esta Universidade, "UNILAB" seu corpo docente, direção e administração, quero deixar uma palavra de gratidão por ter me recebido de braços abertos e com todas as condições que me proporcionaram dias de aprendizagem muito rico.

Aos professores de Sociologia, reconheço um esforço gigante com muita paciência e sabedoria. Foram eles que me deram recursos e ferramentas para evoluir um pouco mais todos os dias. Mas todos deixaram sua marca, e todos ficaram presentes e contribuíram para minha formação como pessoa. Para todos eles, um especial agradecimento!

Pela dedicação, pelo empenho, pelo carinho. Porque o trabalho dos professores não se limita à sala de aula, os professores cuidam e se preocupam como os pais, preparam e orientam as gerações futuras.

É por isso que agradeço profundamente a minha orientadora Joana Rower, pela pessoa que ela é, amável e dedicada, que nunca tinha desistido de mim. Este trabalho não ia acontecer sem o seu apoio incondicional e a toda paciência por me aturar durante todo esse tempo. E aos meus amigos, e companheiros da universidade, brasileiros e africanos de vários países e a todos que fizeram parte da minha formação. O que com certeza, continuarão em minha vida.

O meu muito obrigada a todos!

Posso dizer que sou um Estudante!

Posso dizer que sou um Jovem!

Posso dizer que sou uma pessoa com qualidades e defeitos!

Posso dizer que sou eu mesmo, mas, nunca o mesmo!

Há tantas respostas que poderiam ser ditas para essa pergunta, que prefiro não responder para não ter tantas definições.

Deixar a sua família, a sua casa não é nada fácil, ultrapassar o oceano e decolar no outro continente, é uma dor enorme, o pior de tudo é enfrentar as dificuldades, sem uma família por perto para lhe ajudar.

E quando eu encontrar a luz seguirei ela até o fim!

Pois é o meu objetivo!

No momento é a dificuldade, no futuro é a vitória!

OBRIGADA!

RESUMO
O presente trabalho discute a importância do estágio supervisionado para a formaçã professores, tendo a escola como um espaço condicionante da formação. Este traba o resultado de observações e vivências realizadas durante o período dos Estagios Supervisionados, realizado na Escola E. F. M. Brunilo Jacó, em Redenção, para a formação de Licenciada em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB/CE. O início desta investigação ocorreu a partir de sentir-se observada e de olhar-se como estagiária. Assim, a construção de imagens (fotografias) e as narrativas evocadas durante todo o tempo de permanência nesta escola, constituíram esta trajetória de formação. As imagens, aqui, são tomadas como inscrições afetivas e trouxeram à tona diversos tipos de emoções. O foco é a construção de uma docente que reflete sobre a escola como um espaço condicionante da formação de Professora. Portanto, a narrativa aqui apresentada é um exercício de escrita etnográfica, sendo o diário de campo, com a inscrição das percepções e memórias, basilar e potencializador para o desenvolvimento deste texto.
PALAVRAS-CHAVE: Estágio Supervisionado. Formação de Professores. Escola.

ABSTRACT
This paper discusses the importance of the supervised internship for teacher training, with the school as a conditioning space for training. This work is the result of observations and experiences during the period of Supervised Internships, held at the E. F. M. Brunilo Jacó School, in Redenção, for the graduation of a graduate in Sociology from the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony - UNILAB / CE. The beginning of this investigation occurred from feeling herself observed and looking at herself as an intern. Thus, the construction of images (photographs) and the narratives evoked during the entire time of stay in this school, constituted this trajectory of formation. The images here are taken as affective inscriptions and have brought forth various types of emotions. The focus is the construction of a teacher who reflects on the school as a conditioning space of teacher training. Therefore, the narrative presented here is an exercise in ethnographic writing, and the field diary, with the inscription of perceptions and memories, is the basis for the development of this text.
KEYWORDS: Supervised Internship. Teacher training. School.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1.Sala de Informática da Escola E. F. M. Brunilo Jacó. 10
Imagem 2. Escola Dr. Agostinho Neto. Parte externa. 12
Imagem 3. Escola Dr. Agostinho Neto. Parte interna. 14
Imagem 4. Biblioteca da Escola E. F. M. Brunilo Jacó 15
Imagem 5. Pátio interno da Escola E. F. M. Brunilo Jacó 15
Imagem 6. Grupo de estudantes da E. E. M. F. Brunilo Jacó. 16
Imagem 7. 1.Feira dos Estados. Escola E. F. M. Brunilo Jacó. 17
Imagem 7.2 Feira dos Estados. Escola E. F. M. Brunilo Jacó. 18
Imagem 8. Pátio da E. E. F. M. Brunilo Jacó 22
Imagem 9. Relógio na entrada da Escola E. F.M.Brunilo Jacó. 22
Imagem 10. Sala de aula do 1º ano do Ensino Médio da E. E. M. F. Brunilo Jacó. 23
Imagem 11. Sala de aula do 2º ano do Ensino Médio da E. E. M. F. Brunilo Jacó. 24
Imagem 12. Sala de aula do 1º ano do Ensino Médio da E. E. M. F. Brunilo Jacó e participação do Estágio Supervisionado III 25
Imagem 13. I Semana de Sociologia da Escola E.F.M. Brunilo Jacó 27
Imagem 14. Aula com uma turma do 1º ano do Ensino Médio da E. E. M. F. Brunilo Jacó. 29
Imagem 15. Sala dos Professores da E. E. F. M. Brunilo Jacó. 29

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	
1	**A afetividade pelo olhar de uma Estagiária na Escola**	10
2	**O que é ser uma Estagiária: entre o estranhamento e a familiaridade**	12
3	**O acolhimento na Escola**	18
4	**A família e a Escola**	20
5	**O permitido e o proibido na Escola: algumas percepções**	21
6	**O tempo e o espaço: o dentro e o fora da Escola**	22
7	**A sala de aula e as primeiras experiências como docente**	23
	CONSIDERAÇOES FINAIS	31
	REFERÊNCIAS	32

INTRODUÇAO

A experiência durante o estágio supervisionado foi realizada na Escola E. F. M. Brunilo Jacó. É nesta escola especificamente que a pesquisa começou. É preciso ressaltar esse espaço, pois é o tempo lá experenciado que incitou a reflexão. A experiência é compreendida por Jorge Larossa (BONDIÁ, 2002), como aquilo que "nos passa, o que nos acontece, o que nos toca" (p. 21); é "em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova" (p. 25). Na verdade, abordar sobre este tema, é trazer o que presenciei e observei durante o meu processo de estágio como acadêmica do Curso de Licenciatura em Sociologia da UNILAB/CE.

O objetivo foi o de refletir sobre o próprio processo de formação docente tendo o espaço da escola como condicionante dessa formação. Identificar como funciona a escola, a sua gestão, a gestão de classe, as interações no espaço escolar, a relação professor-aluno, o planejamento e os métodos de ensino, especificamente da sociologia, são aspectos observados e que condicionam a percepção sobre a atuação docente de quem estagia. Contudo, o foco foi o de olhar atentamente e olhar-se no processo de estágio na relação com a dinâmica escolar na própria construção como docente.

Qual a impressão de quem estagia durante os seus primeiros momentos na escola? Quais as dificuldades no processo de estágio? Quais estranhamentos? Quais rupturas? Aprendizagens? Emocionalidades e afetos? Que lembranças emergem da memória da infância, do tempo de estudante, ao olhar o outro como estudante e ver-se como docente? Quais reflexões sobre a própria formação? Estas são questões que perpassaram a experiência na escola como estagiária e que moveram a construção dessa narrativa. Citando novamente Larossa,

> Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o

> mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). Por isso, também o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria. (BONDIÁ, 2002, p. 27).

Durante todo o tempo em que passei nesta escola, tive a oportunidade de acompanhar a maioria das coisas que aconteceram dentro dela, sem esquecer que o dentro da escola reflete e é atravessado por diversas questões do seu contexto e das trajetórias dos atores escolares em seus outros espaços de vivência. Atividades que a própria escola organiza como reunião dos professores, reunião dos pais, projetos de socialização entre os próprios alunos, como também com os professores. Afirma Silva (2017) que, dentro de recinto da escola, sempre um docente vai encontrar um pouco de dificuldade na sua pesquisa, assim, as experiências refletidas aqui e a escola tomada como campo de pesquisa, não deixa de apresentar seus silêncios.

A justificativa centra-se no próprio exercício de uma formação docente auto-reflexiva, de aprender com a própria experiência. Pensar o estágio supervisionado na formação de professores a partir da própria experiência denota oferecer elementos para a compreensão da diversidade dos espaços escolares que repercutem na construção das identidades docentes. Refletir sobre a formação de professores é sempre atual, pois vai ao encontro das dinâmicas e especificidades escolares e da própria formação. Compreender a escola como um lugar formativo no estágio significa também reconhecer a importância desse espaço e de estreitar laços entre a universidade e a escola. A peculiaridade do estágio em Sociologia pela Unilab, compreendidos em três momentos (Estágio Supervisionado I, II e III), que se referem á pesquisa no contexto educacional (I), a gestão (II) e, a regência em sala (III) potencializaram esta reflexão que torna-se válida não somente para pensar o estágio em Sociologia, mas também para outras áreas e disciplinas da formação de professores.

A configuração deste trabalho constituído de interferências e costuras entre narrativas pessoais, em uma linguagem, ás vezes, até informal, fotografias[1] e análises sobre o espaço experenciado dialogado com autores da área da Sociologia, Antropologia e Educação foi um exercício desafiador que se propõem a contribuir com outras formas de construção e de apresentação do conhecimento. Embasando-me também em estudiosos da Pesquisa (Auto) Biográfica em Educação o relato de si constitui-se como um dispositivo de formação e, por isso, percepções e memórias aparecem atravessadas de emoções. Nem tudo é dito. Há silêncios que nos formam, mas que são possibilidades para outras compreensões.

As narrativas abrangem várias formas, entre elas "análise de biografias e de autobiografias, histórias de vida, narrativas pessoais, entrevistas narrativas, etnobiografias, etnografias e memórias populares, até acontecimentos singulares integrados num determinado contexto". Na perspectiva (auto) biográfica, podemos visualizar "todas as grafias, desde a escrita em línguas naturais, como as biografias, autobiografias; aos gestos, às fotografias, como as fotos biografias; vídeo grafias, cinebiografias, web grafias, transcrições de textos orais" (GURGEL e MAKNAMARA, 2017, p. 570).

Gurgel e Maknamara (2017) vão abordar que a biografia de uma pessoa se organiza pelas histórias contadas e sustentadas por artefatos, como um álbum de fotografia e os sentidos que lhe são vinculados. Assim, o trabalho que apresento aqui não deixa de ser a organização da minha história que será revista ao longo de minha trajetória.

O percurso se inscreveu na perspectiva etnográfica, pois decorreu da minha presença na E. Brunilo Jacó durante a realização dos três Estágios Supervisionados no transcorrer de dois semestres letivos (2016.2 e 2017.1). O diário de campo foi basilar e potencializador das compreensões e análises. Os relatórios dos estágios I, II e III também são fontes aqui retomadas. Assim, para que a inserção na escola fosse reflexiva e também sirva como elemento de comparação para outros contextos de formação o diálogo com autores da área tornou-se essencial, pois se a experiência no contexto específico é questionador e revelador de dinâmicas formativas, os conhecimentos já produzidos também interrogam e permitem interpretações. Para Gil (1996), embora em

[1] Foi solicitada autorização para o uso das imagens.

quase todos os estudos tenham algum tipo de trabalho desta natureza, aqui nesse trabalho o uso de referências torna-se um diálogo, pois parto da minha experiência, ou seja, citando mais uma vez Larrossa, daquilo que me toca, me sensibiliza e que me chama a narrar.

1. A afetividade pelo olhar de uma Estagiária na Escola

De acordo com Silva (2017) o olhar dos futuros professores parte da sua própria formação, durante todo o tempo. Os futuros professores passam através do seu espaço de atuação e analisar criticamente sua trajetória, a sua cultura e o espaço onde são formados como futuros docentes. Ao mesmo tempo tornam-se capazes de alcançar reflexões acerca das relações existentes entre o estado e as instituições educacionais, entre o entorno e a dinâmica da escola, entre trajetórias e interações de ensino-aprendizagem, o que influência diretamente em sua formação. Nesse sentido, a escola como lugar de realização do estágio constitui-se como um espaço privilegiado da formação, pois as primeiras experiências como professora acontecem nessas dinâmicas e relações.

Imagem 1.Sala de Informática da Escola E. F. M. Brunilo Jacó. Colaboração na inscrição dos estudantes para o ENEM. Ano de 2017.

O olhar para mim foi muito significante, pois me encontrei em um espaço em que observo e em que sei que sou observada. Em que olho minhas memórias enquanto aluna e que me descubro, me vendo como educadora. Nessas confluências entre a

memória, a percepção do presente e a projeção, vejo muitas coisas boas e outras que não são compreendidas. Pois ao ocupar um lugar singular, fronteiriço entre o dentro e o fora, entre a pertença e a exterioridade estranha, entre a presença e a ausência, entre o distanciamento e a interação, me constituo pelo olhar do outro e pela compreensão de si como alguém que olha. E esse olhar direciona-se a positividades e negatividades da dinâmica escolar. Contudo, é importante pontuar que o olhar de criticidade de quem estagia necessita estar pautado em referenciais de análise sobre a escola e sobre a prática educativa, além de compreensões sobre o seu sentido social.

Neste sentido, Passeggi (2008) vai definir que, o "futuro" professor em formação é o primeiro e mais importante interprete da sua narrativa. E a qualidade da sua interpretação dependerá do seu processo emancipatório, sua inserção profissional, sua forma de entrar na cultura de pertencimento, de tornar-se professor.

Para mostrar a importância das experiências pessoais na compreensão e construção do conhecimento sobre os processos educacionais trago aqui Michael Apple (2017) que vai fazer uma pergunta ao leitor e ele mesmo tenta responde-la: a educação pode mudar a sociedade? Este pesquisador e ativista continua dizendo que esta questão se refere também a "uma jornada pessoal, em especial no terreno conceitual e político, que envolve minha busca por um entendimento mais inclusivo de questões importantes nas lutas continuas pela justiça social e por uma sociedade mais responsável e respeitosa" (APPLE, 2017, p.13).

Em minha percepção, apesar de concordar que essa questão é um pouco difícil de responder, ouso dizer que a educação pode mudar a sociedade sim. A educação faz a pessoa mudar, conhecer o que não conhecia ou compreender de outras formas o que conhecia e não tinha um esclarecimento bem amplo. Penso que a educação ajuda a sociedade a se desenvolver. Porque ela faz com que tenhamos um conhecimento mais contextualizado daquilo que iremos fazer. Falo aqui revendo meu processo de formação que contribuiu na constituição de quem sou hoje.

Quando eu era aluna, no Liceu Dr. Agotinho Neto, em Bissau, não percebia quanto validade ou importância que a escola tem. Estudava só para estudar, pois era obrigada pelos meus pais a ir à escola. Eles não me deixavam um dia sem ir a escola! Meu pai estudou e se formou em Polícia de Trânsito. E a minha mãe estudou até no ciclo, depois não continuou a estudar. Eles sabiam a importância que a escola tem para

uma pessoa. Já ouvi as pessoas dizendo que existe conhecimento fora da escola, e eu concordo. Mas, principalmente hoje em dia a escola tem uma grande vantagem para um ser humano, para sobreviver na sociedade atual. Os meus pais sempre pensavam no meu futuro e dos meus irmãos, porque qualquer pessoa com a sua formação, um dia não vai depender muito mais dos seus pais para sobreviver, para pagar as suas contas. A pessoa vai saber "se virar sozinha", vai ter o seu emprego. O meu pai se formou na antiga União Soviética que hoje é a Rússia, e a minha mãe é costureira, acho que isso fez com que eles tenham essa visão de valorização da escola.

Imagem 2. Escola Dr. Agostinho Neto. Parte externa. Bissau, Guiné-Bissau. Ano 2009.

Mas falo também, da importância e da esperança de uma educação que se pretende transformadora. Ainda conforme Apple (2017) uma educação progressista que se distancia da escola como treinamento deve considerar a "igualdade afetiva", para que haja o reconhecimento da diversidade no contexto escolar. Amor, cuidado, solidariedade, proteção são percebidos como formas de desafiar a produção das desigualdades. Para Apple (2017, p. 35)

> O sistema afetivo é apenas tão fundacional quanto outros sistemas estruturados e estruturantes que servem como blocos construtores da sociedade. De fato, uma sociedade que não se organiza em torno de normas e racionalidade de amor, cuidado e solidariedade e não se envolve em lutas bem-sucedidas sobre essas formas, não pode ser considerada verdadeiramente comprometida com a igualdade.

2. O que é ser uma Estagiária: entre o estranhamento e a familiaridade

Gurgel e Maknamara (2017) afirmam que a pesquisa surge no nosso caminho sem que nos déssemos conta. Como pesquisadores podemos escolher nossa forma de pesquisa ou será que é ela que nos escolhe através de nossos percursos? Como acadêmicos as nossas escolhas metodológicas também transformam nossa formação, pois a escolha por concepções teóricas e métodos investigativos não dizem apenas quem somos, mas circunscrevem possibilidades de pesquisa e compreensão. A narrativa autobiográfica, a escrita de si que escolho, significa essa vontade de conhecer o outro conhecendo também a mim mesma.

Salientam Pimenta e Lima (2014, p. 43) que, "no estágio dos cursos de formação dos professores, compete possibilitar que futuros professores compreendam a complexidade das práticas institucionais e das ações ai praticadas por seus profissionais como alternativa no preparo para sua inserção profissional".

Estar como uma estagiária na escola é poder colocar em prática o que já foi visto enquanto estudante. Mas também é poder aprender com os alunos e alunas diante dos desafios que se apresentam. É aprender com o docente da escola que no seu fazer diário entre planejamento, atuação e interações nos revelam dinâmicas não ditas no tempo da formação. O estágio é uma peça fundamental na formação em licenciatura, porque através dele passa-se a compreender melhor a própria formação, os sentidos da profissão e onde também o discente vai compartilhar o que aprendeu. Durante todo esse processo, aprendi muitas coisas, que me ajudarão para a vida toda!

Pimenta e Lima (2014, p.46) afirmam que

> a pesquisa no estágio, está como um método de formação de futuros professores e se traduz de um lado, na mobilização de pesquisas que permitam a ampliação e análise dos contextos onde os estagiários se realizam, por outro, e em especial, durante a pesquisa o estagiários podem ter a possiblidade de desenvolver postura e habilidades de pesquisador a partir das situações de estágio, elaborando um projeto que vai lhe permitir ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam.

O tempo de observação do estágio é um tempo de desenvolvimento do olhar de investigação do contexto escolar, de constituição do professor reflexivo, do professor investigador. Mas o estágio também se caracteriza como um tempo de estranhamentos e familiaridades. Estranhar algo faz com que o investigador se imponha mais no seu contexto de atuação, com objetivo de compreender o que viu.

> As dificuldades de distanciamento que o professor pesquisador enfrentará na realização da pesquisa na escola e de tornar aquilo que já

> lhe é familiar em exótico refletem muitas vezes as concepções cristalizadas no senso comum do professor em homogeneizar a realidade escolar (toda escola é igual, todo aluno idem e a assim por diante). Essa tendência de achar que o que é familiar é plenamente conhecido deve ser evitada, pois como afirma Velho (1978, p.127), "jamais devemos acreditar que conhecemos os pontos de vistas, visões de mundo, situação social e as regras que regulam as interações que permitem a continuidade do sistema". Na escola não é diferente. Nesse sentido, há necessidade de colocar-se no "lugar do outro". (SILVA, 2017, p.76).

Gilberto Velho, antropólogo brasileiro citado por Silva (2017), afirma que "o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não necessariamente conhecido" (VELHO, 1978, p.128). Este autor aborda a radicalidade do questionamento e da análise científica do próprio ambiente. "O processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos e situações" (VELHO, 1978, p. 131).

O que me estranha enquanto uma estagiária guineense se refere ao comportamento dos alunos em sala de aula; as merendas para os alunos do ensino médio; a biblioteca bem cheia de livros e poucos alunos que costumam a entrar nela biblioteca para estudar... Salas de informática com computadores para os alunos! Esses alunos têm várias oportunidades para estudar, enquanto na Guiné-Bissau os alunos da escola pública não tinham essas oportunidades que os daqui do Brasil tem. O que resta para os alunos brasileiros desta escola é aproveitar tudo o que há na escola para os seus estudos.

É por isso que a maioria dos alunos que vieram da Guiné-Bissau para estudar na UNILAB, logo no início, se começa com a muita dificuldade em sala de aula, porque praticamente não costumamos estudar assim... Na escola que eu estudei que é Agostinho Neto, tem a biblioteca, mas não tem a sala de informática. Se não me engano só tinha dois computadores na biblioteca, mas não tinha livros para os alunos. O professor tem que usar o texto para dar a aula. E os alunos também pegam nesse texto e tiram cópia para poderem acompanhar as aulas e estudar. Enquanto na Escola Brunilo Jacó, cada aluno possui os seus livros para cada disciplina.

Imagem 3. Escola Dr. Agostinho Neto. Parte interna. Em Bissau, Guiné-Bissau. Ano 2009.

Imagem 4. Biblioteca da Escola E. F. M. Brunilo Jacó e professores da escola. Ano de 2017.

Essa é a biblioteca da escola, as pessoas que se encontram no momento são os professores da escola. A biblioteca estava cheia de livros e bem organizada. Neste momento os alunos estavam em aula, é por isso que não tinha nenhum aluno na biblioteca. E os outros alunos que estudam no turno inverso não costumam ir ler na biblioteca.

Imagem 5. Pátio interno da Escola E. F. M. Brunilo Jacó e estudantes fazendo trabalho de aula. Ano de 2017.

Quando vi esses alunos no pátio da escola, no momento do intervalo fazendo o trabalho em grupo, fiquei me perguntando: Porque que esses alunos não foram lanchar como os seus colegas e estão fazendo o trabalho logo neste horário? E porque que eles também não foram fazer os seus trabalhos na biblioteca que estava quase vazia e estão fazendo o trabalho no pátio onde tem muitos alunos que estão a tomar os seus lanches? Aproximei-me e comecei a conversar com eles... Perguntei e me disseram que o trabalho devia ser entregue logo depois do intervalo e se não fizessem iriam se prejudicar, porque o trabalho valia para realçar as suas notas. Então perguntei: "Mas porque vocês não foram fazer esse trabalho não biblioteca com mais tranquilidade?" E uma menina me respondeu: "Nada não! Queremos fazer só aqui!".

O uso dos espaços remete aos sentidos construídos pela juventude na escola. Se na perspectiva de Delory-Momberger o espaço é biográfico (2009) as experiências no espaço da escola e seu aspecto socializador contribuem para a compreensão dos jovens e seus sentidos sobre a escola. A escola como sendo heterogênea, plural e instável é um espaço de socialização (entre outros da sociedade) e produtor de construção da experiência coletiva. O aspecto da construção da experiência coletiva dentro de um espaço escolar pode ser problematizado em três diferentes lógicas vivenciadas neste espaço, conforme Dubet (1994): (1) individualista pela competitividade escolar; (2) da integração pela comunidade juvenil; e, (3) da autenticidade. Pensando essas lógicas de ação expostas por Dubet (1994) na relação com a escola e as juventudes que observei, principalmente nas aulas de Sociologia, me permito inferir que a integração juvenil torna-se prevalecente em detrimento da competitividade e do individualismo. Falta de interesse na disciplina, não preocupação com notas baixas, não realização de trabalhos em casa, são aspectos observados. Tendo a concepção que a sala de aula é plural também existem no mesmo espaço, jovens empenhados na realização das atividades e nas aprendizagens.

Por isso trago aqui uma imagem que revela a integração juvenil. Chamou-me atenção que todos os dias na hora do intervalo, a escola tenta fazer com que os alunos se divirtam. Para melhor relaxar das aulas ouvem-se músicas de cantores brasileiros. O estilo da música é suave. Os/as alunos/as estavam a lanchar e perguntei o porquê deles não ficarem na área coberta onde tem cadeira e a mesa para lanches. Eles me disseram: "Nada, gostamos só de sentar aqui!". Logo percebi que cada turma gosta de se sentar

em grupo na hora do intervalo, porque eles são mais próximos. Vi alunos sempre sentandos assim em grupinhos.

Imagem 6. Grupo de estudantes sentados para lanchar embaixo de uma árvore na parte interna da E. E. M. F. Brunilo Jacó. Ano de 2017.

Porém, em outra sala que observei a aula de Sociologia, do terceiro ano do ensino médio, a turma era ótima! Os alunos desta classe eram muito estudiosos. Quase todos participavam na aula. Parece que era um jogo de inteligência que estava acontecendo ali. Quando um estudante terminava com sua participação o colega ao lado já expressava também ideias muito importantes. É a turma que chamou minha a atenção. Perguntei ao Professor de Sociologia se essa turma era sempre assim bem ativa ou se somente naquele dia que eles estavam tendo essa atitude. O Professor me respondeu: “Não, todos os professores gostam dessa turma, porque os alunos são muito estudiosos. É a turma que presta atenção e respeita os professores. Essa turma é a melhor turma da escola, é a turma mais empenhada.”. Assim, pensando com as lógicas vivenciadas no espaço da escola de Dubet (1994) a competitividade e a autenticidade também aspectos percebidos nesta turma. Dessa forma, a pluralidade e a heterogeneidade de sentidos da escola e da aprendizagem são percebidas no mesmo espaço educativo.

Voltando a falar sobre estranhamento e familiaridade, o que me parece familiar é a feira que a Escola Brunilo Jacó fez em que cada turma tinha o nome de um estado do Brasil. Durante essa feira cada turma apresentou a história do seu Estado, culinária, cultura, bandeira etc...

Imagem 7. Feira dos Estados. Escola E. F. M. Brunilo Jacó. Ano 2017.

Imagem 7.2. Feira dos Estados. Escola E. F. M. Brunilo Jacó. Ano 2017.

Na Guiné-Bissau na escola secundária pública não presenciei atividades que tivessem essa feira, como visto aqui. Mas no carnaval algumas escolas de 5ª e 6ª classe, que é chamada de ciclo (aqui no Brasil se refere ao Ensino Fundamental), os alunos apresentam a história, cultura de cada região da Guiné-Bissau. Os alunos também no Jardim e na escola primária fazem projetos desse tipo, mas no ensino secundário não existe isso. Dessa forma, a minha familiaridade também veio acompanhada de certa estranheza...

3. O acolhimento na Escola

O que me motivou mais na escola foi o modo como somos recebidos. A recepção que começou com o Diretor da escola, com o professor da disciplina de Sociologia e que segue com os próprios alunos. Tudo foi muito bom! Tanto para mim como também para todos os discentes do curso de Sociologia que foram estagiar nesta

escola. Durante as duas Rodas de Conversa sobre o Estágio Supervisionado em Sociologia que participei (I Roda realizada em 25 de set. de 2017; II Roda realizada em 19 de fev. de 2018), organizadas pela área do Estágio Supervisionado do Curso de Sociologia da UNILAB, percebi que alguns colegas de outras escolas tiveram mais dificuldades no que se refere às interações com regentes de classe, direção escolar e estudantes. Isso denota como as relações vivenciadas no espaço escolar circunscrevem o estágio e ressignificam sentidos da formação, podendo ser potencializadoras ou inibidoras de intervenções da prática do estágio.

Ao fazer as reflexões acima lembro a experiência no Estágio II, realizado no semestre de 2017.1, e que se refere á observação da gestão escolar. O Diretor da escola dividiu a turma de estagiários da Sociologia, porque tinham várias pessoas de outros cursos que estavam fazendo os seus estágios na parte de gestão, como no caso dos alunos dos cursos de Pedagogia e Administração Pública. Então ele resolveu nos dividir, duas pessoas ficavam pela manhã e duas à tarde. Neste caso eu fiquei na quinta-feira de manhã com um rapaz da outra turma do estágio. Só que neste semestre houve vários feriados que aconteceram nas quintas-feiras. Nós, que ficamos de estagiar nesse dia não conseguimos ir todas as semanas. No primeiro dia do Estágio II, o Diretor da escola nos disse que tudo o que ele está fazendo na escola é gestão. Então teríamos que estar lá, junto dele. Contudo, o fato do nosso estágio de gestão ser na quinta-feira impossibilitou acompanhar certos processos e entrar em certos espaços, como a própria sala do Diretor, devido também aos feriados e as atividades do próprio Diretor, diferenciando dos que estagiavam em outros dias da semana.

Isso faz refletir que mesmo dentro do mesmo espaço escolar as vivências do estágio são diversificadas. Se na área da formação de professores tem-se que a formação profissional é um processo dinâmico, contínuo e "fundamentalmente introdeterminado" e é o "modo como as pessoas as assume que as tornam potencialmente formadoras" (MOITA, 1992, p. 137), temos também que olhar para as dinâmicas e os espaços possíveis de significação e vivência escolar.

Um aspecto também que senti nesta escola é a proteção aos alunos. O Diretor da escola se preocupa com os seus alunos. Percebi isso na fala dele várias vezes. Ele não só se preocupa com o desempenho dos alunos, mas sim em todos os aspectos. Que pode fazer com que o aluno reprove. Um fator muito importante que ele citou algumas vezes nas reuniões com os pais, é a questão da gravidez precoce nas meninas, pois ela faz com

que a menina abandone a escola. Em relação aos meninos o discurso foi sobre as drogas, principalmente, o uso da maconha, pois também com esse vício se deixa de frequentar as aulas. Ele tentou mostrar isso para os pais durante a reunião para que eles possam ter cuidado com os seus filhos e filhas para que não *caiam* nessas coisas, pois eles ainda têm muito futuro pela frente. O que se tenta é o cuidado que Apple (2017) fala ao discorrer sobre a igualdade afetiva:

> Tem havido grandes dificuldades em transformar a escola em um lugar onde a crianças sejam desafiadas intelectualmente e onde elas sejam cuidadas e se sintam protegidas. Os diretores e os coordenadores de currículo enfrentam são extremamente difíceis. Muitos deles tem devotado toda a sua energia para criar um ambiente em que as crianças se sintam bem-vindas e sejam tratadas como seres humanos de valor, algo que não ocorre em outros locais que enfrentam. Assim precisamos assegurar que uma pedagogia baseada no que foi chamado de igualdade afetiva, não interrompa movimentos igualmente importantes de desafiarem tanto o que conta como conhecimentos oficial quanto construir identidades dos alunos que os possibilitem ver suas relações reais com uma sociedade desigual, [...] (APPLE, 2017 p.205).

4. A família e a Escola

A participação dos pais no ensino dos alunos é muito importante. É por isso que a escola criou uma plataforma individual, em que os pais também têm acesso. Esse acesso dos pais serve para que eles tenham controle das notas dos/as filhos/as e dos trabalhos que os/as professores/as mandam para fazer em casa. Na Reunião de pais que observei, no segundo semestre de 2017, o Diretor da escola conversou com os pais para que continuem a incentivar e convencer os seus filhos/as a estudar e entrar na universidade, justificando que o que eles estão estudando no ensino médio ainda é muito pouco para levar para a vida toda.

Alves (2017) vai dizer que a maneira como os pais se interessam pela vida escolar dos filhos, pode ser em alguns momentos difícil e incompreensível. O próprio fato de o filho ter a possiblidade de verbalizar as suas experiências escolares com pelo menos um membro da família, ás vezes, "já o retira da solidão que faz parte do universo escolar de jovens dos meios populares" (ALVES, 2017, p.127). Solidão porque talvez os pais, por serem menos escolarizados que os filhos silenciem esse diálogo em suas casas ou ainda não faz parte da cultura familiar conversar sobre a escola. Incentivar os

pais a convencer os filhos a estudar foi assunto que o Diretor voltava a falar nas reuniões de pais.

> Da mesma forma, quando os pais analfabetos ou com dificuldades na escrita pedem progressivamente aos filhos escolarizados no curso primário que os ajudem a ler a correspondência, a escrever bilhetes para a escola, a procurar números de telefones na lista, acompanha a escolaridade dos irmãos e irmãs, etc., podemos dizer que eles criam uma função familiar importante, ocupada pela criança que, com isso, ganha reconhecimento, em legitimidade familiar. Algumas configurações familiares demonstram, portanto, a importância social, simbólica, no próprio seio da estrutura de coexistência, daqueles que sabem ler e escrever (da "criança letrada"), ou a integração simbólica do "escolar" (ALVES, 2017, p.127).

Nessas duas reuniões de pais observei outra questão também que me chamava atenção. A maioria das pessoas que foram as reuniões são as mães dos alunos. Poucos pais frequentaram as duas reuniões dos seus filhos na escola. Eu fiquei me perguntando: Porque que os pais não participaram nas reuniões dos seus filhos? Será que eles não se importam com o andamento da aprendizagem dos seus filhos? Será que eles não têm tempo por conta do trabalho diário? Por que a educação escolar é uma questão da mulher, da mãe? Na verdade, tenho essa inquietação até hoje...

Na E. E. F. M. Brunilo Jacó na reunião de pais se passa a lista de presença para que todos os pais assinem. Considero isso muito importante, pois é uma forma que a escola cria para saber quais pais estão aparecendo nas reuniões dos seus filhos. Esta lista também faz com que os Professores Diretores[2] das turmas saibam quais pais dos alunos estão comparecendo nas reuniões. Em minha compreensão, essa escola optou por um processo que significa tanto controle dos pais e dos alunos, mas também de conhecimento daqueles que estão preocupados com os seus filhos/as, pois na educação, a família é á base de tudo!

5. O permitido e o proibido na Escola: algumas percepções

Para falar sobre o permitido e o proibido na escola, começo lembrando que observei e considerei o Diretor da escola como sendo um pouco exigente, porque ele é cobrado por isso. Ele não deixa os alunos saírem da sala de aula para ficarem sentados no pátio, enquanto as aulas estão acontecendo normalmente. Somente no caso de doença

[2] Também conhecidos como Professores Conselheiros das turmas, responsáveis pelo acompanhamento mais próximo de cada estudante e pela mediação entre a turma e direção da escola.

que alguém pode sair da sua turma e ir para casa ou ainda para tomar água, mas logo voltar. O Diretor também não aceita que outras pessoas que venham visitar a escola entrem sem estarem com as roupas adequadas (calça comprida e camiseta com manga). Logo na porta a pessoa será barrada pelo Segurança da escola. Essa regra é para todos os professores assim como para os funcionários que trabalham na escola. Todos os funcionários da escola têm a blusa da escola que precisa ser vestida com uma calça. Falei na pessoa do Diretor, mas este faz com que as normas e regras da escola sejam aplicadas. Lembro que duas estagiárias chegaram com roupas, consideradas não adequadas e o Segurança não deixou que elas entrassem na escola.

Imagem 8. Pátio da E. E. F. M. Brunilo Jacó e estudantes com uniforme. Hora do intervalo. Ano de 2017.

6. O tempo e o espaço: o dentro e o fora da Escola

Para falar do tempo e do espaço, do dentro e do fora da Escola trago uma citação de López (2017, p. 226) quando diz:

> Quisemos então olhar a escola vagarosamente, em silencio e, por que não o dizes, com certa gentileza. Jamais pensamos em selecionar a imagem de modo a apresentar uma imagem favorável da escola. Jamais tentamos usar a imagem como palavra, para construir um novo discurso acerca dela, não se trata disso. A gentileza não qual me refiro está no próprio olhar, está no cuidado com o qual se olha. Pois é dar tempo e atenção aquilo que se ama de algum modo.

Imagem 9. Relógio na entrada da Escola E. F.M.Brunilo Jacó. Ano de 2017.

Esse relógio fica situado na parede da escola, perto do portão da entrada da escola. Ao lado do relógio tem uma folha com a indicação dos horários de entrada das aulas: 7h e 13h. Sete horas é a hora de entrada dos alunos de manhã e 13h é a hora de entrada para os alunos da tarde. A diretoria deixou esse relógio perto do portão de entrada, para que os alunos saibam a hora que eles devem chegar para as aulas. Então não tem como os alunos se desculparem com o atraso, por não saberem a hora de entrada das aulas.

O relógio. As horas marcam o tempo e o espaço. O horário de entrada que significa o dentro e o fora. A juventude escolarizada tem vivências dentro e fora do espaço escolar que se influenciam mutuamente. Masschelein (2017, p.55) pontuam esta relação entre a formação na escola para um mundo fora da escola.

> A escola como uma forma pedagógica faz um duplo movimento de trazer as pessoas para ser um alguém capaz (portanto fazer de alguém um aluno ou estudante) que ao mesmo tempo uma exposição para algo de fora (e portanto um ato de apresentar e expor o mundo).

7. A sala de aula e as primeiras experiências como docente

Estar em sala de aula é compreendido por Pimenta e Lima (2014) como um espaço de conhecimento e compartilhamento que se caracteriza como uma necessidade pedagógica indispensável nos processos de ensinar e de apreender. Assim, é preciso compreender o espaço da sala sua estrutura, organização e dinâmica como essenciais nesse processo. Zabala (1998) ao falar historicamente das formas de agrupamento escolar da educação ocidental afirma que

> [...] em fins do século XVI, se define uma das formas para organizar os alunos, que se tornará habitual praticamente até nossos dias: grupos de

> cinquenta a sessenta alunos do mesmo sexo e da mesma idade situados numa mesma aula e dependentes de um professor/tutor ou de diversos professores. Toda a escola, e mais quanto mais pretensões de "qualidade" tenha, dará ênfase em destacar a estrutura organizativa em grupos homogêneos e graduados. (ZABALA, 1998, p.111).

Imagem 10. Sala de aula e organização da classe de uma turma do 1º ano do Ensino Médio da E. E. M. F. Brunilo Jacó. Ano 2017.

Mas como pontua Zabala (1998) a organização social da classe, considerando também o seu processo histórico e naturalizado, revela intenções educativas tanto do professor como sentidos de aprendizagem dos estudantes. Por exemplo, a foto acima é de uma das turmas de 1º ano do Ensino Médio. No momento estavam na aula de Sociologia. No Estágio I, de observação da escola como campo de pesquisa, me sentava atrás da turma, porque isso facilitava muito minha observação. A turma estava cheia, mas poucos alunos prestavam atenção e participavam durante aula. Os demais alunos ficavam bem quietos nos seus cantinhos, e outros estavam só fazendo barulho e não prestavam atenção. Até que, nesse dia, o professor ficou chateado e gritou uma vez: "Prestem atenção ou quem não quer assistir a minha aula pode abandonar a sala!" Depois deste grito a turma ficou calada. Então o professor continuou a sua aula. Não sei o porquê dos alunos desta turma não gostarem de participar da aula de Sociologia? Ou porque eles não gostam de ler o livro de Sociologia? Mesmo em outras turmas a maioria dos alunos sempre tiram notas baixas. Mas considero o professor de Sociologia ótimo! Mas cada turma que corregíamos as provas, conjuntamente com o professor, poucos alunos tiravam nota boa. Um dia perguntei para uma professora de História só por curiosidade, se esses alunos prestavam atenção na aula dela e ela me disse: "Não, que esses alunos são assim mesmos!". Essa é uma das questões da escola que observei que ainda preciso compreender mais...

Assim a questão da organização da classe soma-se ao que Apple (2017) tenta mostrar que hoje há uma grande dificuldade em transformar a escola em um lugar em que as crianças e jovens podem ser desafiados uns aos outros intelectualmente. Para este autor, o que conta como conhecimento dos estudantes é a possibilidade de construir relações reais com sociedade.

Imagem 11. Sala de aula e organização da classe de uma turma do 2º ano do Ensino Médio da E. E. M. F. Brunilo Jacó. Ano 2017.

Mas o que nos move a aprender?

> Aprender é movido por uma obrigação ou chamada (moral, ético), ou por novos regulamentos ou responsabilidades políticas, transformar-se em uma questão de socialização (e de acordo com a necessidade de reprodução social). Em outros discursos ela é colocada como uma questão de investimento em capital humano (e segue a necessidade de acumulação de capital e taxas de retorno), ou uma questão de investimento e crescimento cognitivo e afetivo (de acordo com certas normas, estágios e funções cerebrais). É a mudança que é sempre motivada por uma finalidade e ou por uma falta. (MASSCHELEIN, 2017, p.51).

Masschelein (2017, p.56) continua dizendo que "as experiências escolares remetem a experiência de estar-no-meio de coisas, a experiência de um curso de vida interrompidos e novos cursos se tornam possíveis". Nesta perspectiva, de forma bem simples, a pessoa passa a ter mais conhecimento do que tinha antes. Aprender significa que você começa a ter ideias que você nem pensava antes. E o estágio também é um tempo de aprendizagens, é um espaço de dar e receber. A pessoa mostra o que ela sabe e recebe o que ela não sabe.

O estágio é significativo na formação em licenciatura, pois apreendemos a ser professor/a somente quando vamos á escola para pôr em prática o que já aprendemos na universidade. Mas a vida de um/a professor/a é aprender com os alunos/as e os/as

alunos/as aprender com ele/a, há essa troca de conhecimento entre alunos/as e o/a professor/a. Essa relação de aprender conjuntamente vai ao encontro da prática dialógica de Paulo Freire. Freire (1986, p.18) denuncia que "reduzimos o ato de conhecer do conhecimento existente a uma mera transferência do conhecimento existente. E o professor se torna exatamente o especialista em transferir conhecimento".

Imagem 12. Sala de aula de uma turma do 1º ano do Ensino Médio da E. E. M. F. Brunilo Jacó e minha participação no Estágio Supervisionado III. Ano 2017.

De acordo com Silva (2017, p.119), tal quadro, de um ensino transmissor se perpetua porque, "na constituição do *habitus* professoral, a ação prática é estritamente vinculada com recursos teóricos que foram apreendidos abstratamente, o que faz apreender os seus exercícios teóricos". Ou seja, o *habitus* estudantil é estruturado durante a formação e esse *habitus* será manisfestado ao desenvolver seu trabalho em sala de aula, como professor/a. O *habitus* professoral somente será desenvolvido no exercício do magistério. Por isso mesmo, o autor afirma que o ato de ensinar em sala de aula denomina-se *habitus*, e não prática docente. Esta concepção marca, novamente, a importância de pensar a dinâmica, as especificidades da escola como lugar do estágio supervisionado, pois se configura como o início do desenvolvimento do *habitus* professoral.

A minha primeira experiência no estágio foi muito boa. A primeira coisa que eu fiz logo no Estágio I foi corrigir as provas dos alunos. Na hora "caiu a minha ficha", percebi que havia chegado a hora! Naquele momento me senti como uma professora. E também nos momentos em que os alunos me chamavam de Tia no estágio III, como eles costumam chamar as suas professoras. A prática, na verdade, é muito importante para a formação. Ajuda-nos a nos posicionar na profissão que escolhemos.

No estágio I, nós estagiários, pedimos a escola para realizarmos a Semana da Sociologia com os alunos. A escola aceitou e nos autorizou a trabalhar os conteúdos de Sociologia que queríamos e nos disponibilizou o espaço, a mesa, o microfone e a televisão para mostrarmos alguma imagem. Contudo, o projeto inicial foi organizado de modo que cada um dos estagiários ficaria com uma sala para ministrar as aulas na base dos materiais didáticos que a escola estava usando. Porém não conseguimos ficar em uma sala, sozinhos com os alunos, como no meu caso. Então, resolvi conversar com o professor para que pudéssemos dar aulas conjuntas e no mesmo instante ele aceitou. Em vez de ficarmos nas salas de aula fomos para a quadra da escola, unindo as turmas e também resolvemos convidar professores do Curso de Sociologia da Unilab para dinamizar o evento e levar para dentro da escola os professores da universidade. Assim, realizamos a primeira Semana de Sociologia da Escola Brunilo Jacó, nos dias 22, 23 e 24 de junho de 2017. A realização da I Semana de sociologia, foi uma iniciativa dos estagiários do curso de Licenciatura em Sociologia conjuntamente como professor de Sociologia da Escola E. M. F. Brunilo Jacó e com o apoio do nosso professor de Estágio I, Igor Monteiro.

Imagem 13. I Semana de Sociologia da Escola E.F.M. Brunilo Jacó, realizada nos dias 22, 23 e 24 de junho de 2017. Fotos referentes ao dia 23 de junho de 2017. Na primeira foto, os estagiários do curso de Licenciatura em Sociologia (em sentido anti-horário) Denilson Feitosa Sanches, Justino da Cunha, Honorata Dias, Joana Elisa Röwer (Professora convidada), Benvinda Domingos Cambanco, Maria Cleovania de Sousa Silveira, e Gessylane da Silva Lima.

Neste ano de 2018 o professor de Sociologia da Escola Brunilo Jacó incorporou a realização da Semana de Sociologia no planejamento da disciplina. Assim, nos dias 11, 12 e 13 de abril foi realizada a II Semana de Sociologia da Escola Brunilo Jacó em parceria com o curso de Sociologia, especificamente, da área de Estágio

Supervisionado. Dessa vez os alunos da escola estiveram também na Unilab assistindo palestras e realizando rodas de conversa sobre temas da sociologia.

Na verdade existe uma grande importância desta Semana, porque durante todos esses três dias desta realização da Semana, esses alunos aprenderam muitas questões relacionadas á sociedade, como a violência e a reforma trabalhista. Levamos um pouco dos autores clássicos de sociologia, que são Marx, Weber e Durkheim. Pelo fato de os novos estagiários e demais colegas que fizeram o estágio nesta escola, terem voltado a fazer a Segunda Semana de Sociologia, acho que a iniciativa foi boa! Tudo isso é muito importante, além de mostrar para os alunos da escola eles também irão poder expor suas dúvidas, relacionar com o que já tinham escutado na rua ou em qualquer espaço. Acredito que isso será definitivo nesta escola e cada grupo de estagiários que entrarem irá querer fazer essa ação!

Outra experiência significativa que tive foi de um dia quando estávamos ministrando uma aula de Sociologia, eu conjuntamente com o professor, no Estágio III, e o professor regente da turma teve que se ausentar. Fiquei sozinha na turma com os alunos. Então pedi para um estudante ler o capítulo do livro que seria discutido naquela aula e ninguém leu! Ainda a turma continuou fazendo barulho. Um aluno levantou e me disse que iria ler. Mas ele estava brincando com a "minha cara"! Ele começou a rir e toda turma começou a rir junto com ele. Era uma turma de segundo ano. Quando voltou o professor de Sociologia, me perguntou se eu já havia explicado o livro para os alunos. Disse para ele que não, que a turma não havia ficado calada e acima de tudo ninguém quis ler. O professor ficou chateado com a situação, abriu a porta e disse: "Quem quer sair pode sair! A porta está aberta!" A turma ficou toda calada...

Essas experiências negativas que enfrentamos na escola, enquanto observadores e estagiários, é tudo aquilo que acontece dentro do recinto escolar. Toda a parte da escola tem regras que regulam as interações entre os alunos e professores. Mas, na verdade, durante esse estágio percebi uma diferença do Brasil com os países da África, ou especificamente, com a Guiné-Bissau. Nós temos um medo um pouco diferente em relação ao professor dentro da sala de aula. Nessa escola, em que realizei os estágios, percebi que o professor não tem tanta autorização para reprimir o aluno em termos de comportamento. Ás vezes não dá para reconhecer quem é o professor e quem é o aluno, pois não deixam nem os professores darem as suas aulas como deveria ser. Uma aula que dura só 45 minutos, ás vezes termina só na "chamada de atenção dos alunos".

Enquanto na Guiné-Bissau os alunos já conhecem as respectivas regras e sabem o que eles podem fazer e o que eles não podem fazer. Durante as aulas ninguém pode falar de algum assunto que não é o assunto da aula, se não será expulso da turma. Ainda, se continuar a reclamar com o professor pode levar falta por indisciplina ou até suspensão das aulas que pode durar uma semana ou mais. Isso pode fazer com que o aluno reprove. Se, por acaso, está tendo provas nesses dias em que o estudante pegou a suspensão ele vai perder a prova.

Mas outras experiências também foram positivas...

Imagem 14. Aula com uma turma do 1º ano do Ensino Médio da E. E. M. F. Brunilo Jacó e minha participação no Estágio Supervisionado III. Dinâmica realizada na quadra da escola. Ano 2017.

Esse foi um dia no Estágio III, de regência. A nossa aula com a turma de primeiro ano foi na quadra. Antes de virmos para a quadra da escola tínhamos lido uma parte do livro sobre Trabalho. Depois partimos para a quadra para fazermos alguns exercícios práticos dos trabalhadores da época da Revolução Industrial que trabalhavam com ferramentas pesadas. A dinâmica consistia em um aluno ir para o meio da roda, pensava em um instrumento e começava a fazer o som deste instrumento. O primeiro aluno fez um som de um barulho de quem estava pregando uma coisa, o próximo fazia outro barulho, assim sucessivamente, até todos os alunos terem participado. Logo voltamos para a sala e finalizamos a aula. O exemplo serviu para mostrar a esses alunos como era a condição dos operários da época. E serviu para ver como é possível realizar dinâmicas, aulas diferenciadas, dentro do tempo de uma aula de Sociologia.

Mas considero também que não é somente a sala de aula que constitui o *habitus* professoral, a Sala dos Professores, a relação com outros colegas professores da escola pode influenciar nas concepções e métodos de ensino.

Imagem 15. Sala dos Professores da E. E. F. M. Brunilo Jacó. Ano de 2017.

As imagens acima mostram a Sala dos Professores e os Professores e Professoras. Esta sala não serve apenas como espaço de encontro na hora do intervalo, mas é ali que a maioria deles preparam suas aulas, elaboram e fazem a correção das provas. A diretoria da escola exige que os professores façam seus trabalhos na escola na Sala dos Professores ou na Biblioteca. Para isso cada um dos professores tem seus armários onde guardam os seus materiais das aulas. Esse espaço de possível diálogo dos professores e professoras pode também colaborar na reflexão sobre a própria prática. Como coloca Zabala (1998, p.10) independente do nível e do tempo de trabalho, os profissionais da educação "devem diagnosticar o contexto de trabalho, tomar decisões, atuar e avaliar a pertinência das atuações, a fim de reconduzi-las no sentido adequado".

Trago Oliveira (2017) quando questiona o que vem a ser um professor reflexivo? A autora afirma que vários teóricos do campo educacional pesquisam no campo da docência reflexiva. Mas a autora também vai buscar em Paulo Freire a compreensão da reflexão na docência e em seus ensinamentos da necessidade da reflexão sobre a prática no sentido de possibilitar a autonomia do educando.

Tive as oportunidades de participar das Reuniões de Professores em que o Diretor de cada turma convoca reunião com outros professores/as da turma. Nessas reuniões os diretores das turmas começam a avaliar cada turma, e, especificamente, os ou as alunos/as que: (1) apresentam problemas na aprendizagem; (2) que não prestam atenção nas aulas, com conversas paralelas; (3) que ficam quietos sem falar e participar em nada durante as aulas. Os professores avaliam os comportamentos dos alunos em

cada disciplina. Os/as alunos/as responsáveis pela turma[3] são convidados a participarem na reunião e falarem da própria turma. Depois de suas falas eles são convidados a se retirarem antes das avaliações dos professores começarem. Durante as avaliações dos/as professores/as, cada aluno/a é avaliado/a por seu desempenho e comportamento dentro e fora da escola. Dessa reunião são previstas ações como, por exemplo, se um aluno é indisciplinado ou gosta de faltar ás aulas, o Diretor/a da Turma (Professor/a) precisa entrar em contato com os pais deste/a aluno/a para tomar conhecimento se algo está acontecendo que explique seu comportamento.

Masschelein, (2017, p. 57-58) irá dizer que

> Esses professores sempre confiam na transformação pedagógica que eles podem trazer para nova geração. Eles não escolhem iniciação ou socialização para os seus alunos. Mais sim escolhem educar a eles. É com base da educação escolar que uma sociedade se torna de um modo particular consciente de si mesma. Uma sociedade que permite com que a escola pensa, ou é provocada a pensar de um modo diferente sobre si mesma.

De acordo com Silva Júnior (2017) o aluno (aqui me coloco como aluna no espaço da escola) ou o professor pode interpretar a realidade que se encontra inserido a partir do seu próprio olhar através de ferramentas de um observador participante, com a utilização de diários de campo, por exemplo. O desenvolvimento dessa visão crítica, sobre a própria prática pedagógica possibilita

> inclusive a percepção, por parte dos professores em formação, da relação existente entre o campo no qual são formados (e os *habitus* e toda a cultura institucional que envolve esse campo) e os professores que irão tornar-se futuramente, inclusive com a possibilidade de identificar e superar possíveis limitações ao longo de seu processo formativo. Dessa forma, também é possível superar o olhar ingênuo da sala de aula como espaço neutro de aprendizado, uma vez que a cultura institucional (sob a forma de *habitus* docentes e do currículo acadêmico, além da pesquisa e das relações sociais ali existentes) influencia e é influenciada pela cultura de cada um dos professores que compõem esses campos. (SILVA JÚNIOR, 2017, p.120).

As experiências aqui narradas me fizeram transformar o meu olhar. Na verdade, antes de fazer os Estágios eu tinha esse *olhar ingênuo da sala de aula*. Mas também uma inquietação estava em minha cabeça... Que talvez nos estágios eu pudesse mudar a minha ideia de **não ser Professora**. Quando comecei a minha regência, mudei totalmente! Passei a gostar muito desse espaço, pois percebi que não havia por que

[3] Líder da turma.

temer a sala de aula. É um espaço bem agradável e divertido, onde podemos trocar as nossas ideias com os nossos próprios alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar quero dizer que durante todo esse tempo de minha observação e intervenção como estagiária na Escola E. F. M Brunilo Jacó, percebi que um/a licenciado/a em Sociologia não deve ficar somente dentro da sala de aula, pois fazemos parte de um campo social. A Sociologia está relacionada a vários aspectos da escola. Tudo o que acontece no recinto escolar diz respeito ao "mundo do/a Sociólogo/a".

Infelizmente, não tive oportunidade de me aprofundar na gestão escolar, diferente de outros estagiários. Se o acesso á gestão escolar foi para mim dificultado, por questões da dinâmica escolar e seus atores, resolvi "correr" em outros sentidos e um pouco de tudo isso, trouxe aqui nesse relatório. Mas essas diferenças nas experiências do Estágio Supervisionado levam a compreensão da importância da escola na formação dos professores. As experiências do estágio supervisionado como formativas serão diversificadas em função: (1) das especificidades de cada escola; (2) das dinâmicas vivenciadas no mesmo espaço escolar; e, (3) conforme cada licenciando assume e significa esse processo, relacionado á sua trajetória de vida, o contexto presente e perspectivas futuras. Nesta escola aprendi muita coisa! Quero levar para onde for! Essa experiência vai comigo sempre em minha memória.

Adotei a perspectiva de que nesse trabalho de reflexão autobiográfica distanciei-me de mim mesma e tomei consciência de saberes, crenças e valores, construídos ao longo da minha trajetória. Parafraseando Passeggi (2008) nesse exercício, me aproprio do meu trajeto, das minhas aprendizagens e da consciência de projetos futuros.

Durante todo esse tempo de estágio e pesquisa, ao mesmo tempo, fugi da minha realidade para entrar em outra realidade. Produzi estranhamentos e familiaridades em mim. Ao ter a oportunidade de vivenciar a cultura educacional brasileira, percebi que a mesma é muito diferente do que eu conheci no meu país, Guiné-Bissau, desde pequena. Tudo isso me fez inspirar em escrever esse trabalho!

REFERENCIAS

ALVES, de Sousa Maria**. Juventudes e Ensino Médio Transições, Trajetórias e Projetos de Futuro.** Editora CRV Curitiba-Brasil, 2017.

APPLE. Michael.W. **A Educação pode mudar a sociedade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BONDIÁ, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação, n. 19, Jan/Fev/Mar/Abr 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2017. p. 20-28.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: figuras do individuo-projeto. Editorial de La Facultad de Filosofia y Letras da Universidad de Buenos Aires, 2009.

DUBET, François**. Sociologia da Experiência,** Sociologia da experiência. Lisboa : Instituto Piaget, 1994.

FREIRE, Paulo, Shor Ira. **Medo e Ousadia, O Cotidiano do Professor.** Tradução Adriana Lopez, revista técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. – RJ. Paz da Terra, 1986.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Editora Atlas, 1996.

GURGEL, Evanilson, MAKNAMARA Marlécio. "**Minha vida daria um filme?" – uma viagem entre as fronteiras da realidade e da ficção.** Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfca, Salvador, 2017.

LOPÉZ, Maximiliano Valerio. **Filmar a escola: teoria da escola**. Ed-Belo Horizonte: Autentica editora, 2017.

MASSCHELEIN Jan, Maarten Simons. **Experiências escolares: uma tentativa de encontrar uma voz pedagógica.** Ed-Belo Horizonte: Autentica editora, 2017.

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e de transformação. In: NÓVOA, António (org.). **Vidas de Professores**. Portugal: Porto Editora, 1992. p.111-140.

OLIVEIRA, Leiry Kelly. **A cultura do silêncio e a docência reflexiva na formação de professores.** Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Mediação Biográfica: figuras antropológicas do narrador e do formador. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Mabel Nobre. **Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente**. Natal: EDUFRN, 2008. p. 39-58.

PIMENTA, Selma. G.; LIMA, Maria S. L. L. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2014.

SILVA, Sílvio R.D. Júnior. **Aprendendo a ser professor.** Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.

SILVA, Wellington de Brito**. O professor e a etnografia: o complexo exercício de estranhar o familiar.** Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.

VELHO, Gilberto. **Mediaçao biográfica**: Figuras antropológicas do narrador e do Formador. 1978.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.